

**A
CASA
NA
RUUA
MANGO**

SANDRA CISNEROS



Índice

Introdução: Uma casa toda minha
A casa na Rua Mango
Cabelos
Meninos e meninas
Meu nome
Cathy, rainha dos gatos
Nosso dia bom
Risadas
A loja de salvados do Gil
Meme Ortiz
Louie, a prima dele e o outro primo dele
Marin
Aqueles que não
Tinha uma mulher velha e ela tinha tantos filhos que não sabia o
que fazer
Alicia que vê ratos
Darius e as nuvens
E um pouco mais
A família de pés pequenos
Um sanduíche de arroz
Chinelas
Quadris
O primeiro emprego
Pai que levanta cansado no escuro
Mal nascida
Elenita, cartas, palma, água
Geraldo sem sobrenome
A Ruthie da Edna
O Conde de Tennessee

Sire
Quatro árvores magricelas
Não fala inglês
Rafaela que bebe suco de coco e mamão nas terças-feiras
Sally
Minerva escreve poemas
Vagabundos no sótão
Bonita e cruel
Uma espertinha
O que a Sally disse
O jardim do macaco
Palhaços vermelhos
Rosas de linóleo
As três irmãs
Alicia e eu conversando nos degraus da Edna
Uma casa toda minha
Às vezes a Mango diz adeus
Sobre a autora
Créditos

UMA CASA TODA MINHA



A jovem mulher nesta fotografia sou eu quando estava escrevendo *A casa na Rua Mango*. Ela está em seu escritório, um cômodo que provavelmente foi um quarto de criança quando famílias moravam neste apartamento. Não tem porta e é apenas um pouco mais largo do que uma despensa. Mas tem uma ótima luz e fica acima da porta de entrada no andar de baixo, então ela consegue ouvir seus vizinhos entrarem e saírem. Ela está posando como se tivesse apenas tirado os olhos do seu trabalho por um momento, mas, na vida real, ela nunca escreve neste escritório. Ela escreve na cozinha, o único cômodo com aquecedor.

É Chicago, 1980, na deteriorada vizinhança de Bucktown, antes de ser descoberta por gente com dinheiro. A jovem mulher mora no número 1814 da Rua Paulina, segundo andar de frente. Nelson Algren certa época vagava por essas ruas. A área de Saul Bellow era na Rua Division, dava para ir a pé. É uma vizinhança que fede a cerveja e urina, a salsicha e feijão.

A jovem mulher enche o seu “escritório” de coisas que ela arrasta para casa do mercado de pulgas na Rua Maxwell. Máquinas de escrever antigas, blocos de alfabeto, aspargo-samambaia, prateleiras, estátuas de cerâmica da Ocupação do Japão, cestos de vime, gaiolas, fotos pintadas à mão. Ela gosta de olhar. É importante ter esse lugar para olhar e pensar. Quando ela morava em casa, as coisas que ela olhava repreendiam-na e faziam-na se sentir triste e deprimida. Elas diziam: “Lave-me”. Elas diziam: “Preguiçosa”. Elas diziam: “Você tem que”. Mas as coisas no seu escritório são mágicas e convidam-na a brincar. Elas a enchem de luz. É o cômodo onde ela pode ficar quieta e parada e ouvir as vozes dentro dela. Ela gosta de ficar sozinha durante o dia.

Quando menina, ela sonhava em ter uma casa silenciosa só para ela, do jeito que outras mulheres sonhavam com seus casamentos. Em vez de juntar rendas e lençóis para o seu enxoval, a jovem mulher compra coisas velhas dos bazares beneficentes na encardida Avenida Milwaukee para sua futura casa-toda-dela: colchas desbotadas, vasos rachados, pires lascados, abajures precisando de amor.

A jovem mulher voltou para Chicago depois da graduação e se mudou de volta para a casa do pai, número 1754, na Keeler, de volta para o seu quarto de menina com sua cama de solteira e papel de parede floral. Ela tinha vinte e três anos e meio. Agora ela juntou coragem e disse ao seu pai que ela queria morar sozinha de novo, como quando estava na faculdade. Ele a olhou com aquele olho de galo antes de atacar, mas ela não se alarmou. Ela já tinha visto aquele olhar antes e sabia que ele era inofensivo. Ela era sua favorita e seria apenas uma questão de espera.

A filha alegou que havia sido ensinada que escritoras precisam de silêncio, privacidade e longos momentos de solidão para pensar. O pai decidiu que faculdade demais e amigos gringos em demasia tinham-na arruinado. De algum modo, ele estava certo. De algum modo, ela estava certa. Quando ela para e pensa na língua do pai, ela sabe que filhos e filhas não saem da casa dos pais até que se casem. Quando ela pensa em inglês, ela sabe que deveria ter vivido por conta própria desde os dezoito.

Por um tempo, pai e filha declararam trégua. Ela concordou em se mudar para o porão de um prédio onde o mais velho dos seis irmãos e

sua mulher viviam, número 4832 da Homer. Mas depois de poucos meses, quando o irmão mais velho no andar de cima acabou sendo o Grande Irmão, ela montou em sua bicicleta e pedalou pela vizinhança da sua escola de ensino médio por dias até que encontrou um apartamento com paredes recém-pintadas e fita crepe nas janelas. Então ela bateu na porta da loja no andar de baixo. Foi assim que ela convenceu o proprietário de que ela era sua nova inquilina.

Seu pai não consegue entender por que ela quer morar num prédio de cem anos com janelas grandes que deixam o frio entrar. Ela sabe que o apartamento dela é limpo, mas o corredor é todo riscado e assustador, embora ela e a mulher do andar de cima se revezem para passar o esfregão regularmente. O corredor precisa de uma pintura e não há nada que elas possam fazer sobre isso. Quando o pai a visita, ele sobe as escadas reclamando com nojo. Dentro, ele olha para os livros dela organizados em caixotes de leite, para o futom no chão em um quarto sem porta e sussurra: “Hippie”, do mesmo jeito que ele olha para os meninos que ficam de bobeira em seu bairro e diz: “Drogas”. Quando ele vê a estufa na cozinha, o pai sacode a cabeça e suspira: “Por que eu trabalhei tanto pra comprar uma casa com uma caldeira pra ela andar pra trás e viver assim?”.

Quando ela está sozinha, saboreia seu apartamento de pé-direito alto e janelas que deixam o céu entrar, o novo carpete e as paredes brancas como folhas de ofício, a despensa com prateleiras vazias, seu quarto sem porta, seu escritório com sua máquina de escrever e as grandes janelas da sala da frente com sua vista da rua, dos telhados, das árvores e do tráfego tonto da Via Expressa Kennedy.

Entre o seu prédio e a parede de tijolos do prédio seguinte tem um organizado jardim nos fundos. As únicas pessoas que entram lá são a família que fala como violões, uma família com sotaque sulista. No fim da tarde, eles aparecem com um macaco de estimação numa gaiola e sentam num banco verde e falam e riem. Ela os espiona por detrás das cortinas do seu quarto e se pergunta onde foi que eles conseguiram aquele macaco.

Seu pai liga toda semana para dizer: “*Mija*, quando você vai voltar

pra casa?”. O que a mãe dela diz sobre tudo isso? Ela põe as mãos nos quadris e se gaba: “Ela puxou a mim”. Quando o pai está na sala, a mãe apenas dá de ombros e diz: “O que eu posso fazer?”. A mãe não se opõe. Ela sabe o que é viver uma vida cheia de arrependimentos e não quer que sua filha viva essa vida também. Ela sempre apoiou os projetos da filha, desde que ela fosse estudiosa. A mãe que pintou as paredes das suas casas em Chicago da cor de flores; que plantou tomates e rosas no seu jardim; que cantava árias; que praticava solos na bateria do filho; que dançava junto com os dançarinos de *Soul Train*; que colava pôsteres de viagem na parede da cozinha usando Karo; que arrebanhava seus filhos semanalmente para ir à biblioteca, a concertos públicos, a museus; que usava um bóton em sua lapela com os dizeres “Alimentem as pessoas, não o Pentágono”; que só foi até o nono ano. Essa mãe. Ela cutuca a filha e diz: “Que bom que você estudou”.

O pai quer que sua filha seja uma garota do tempo na televisão ou que se case e tenha filhos. Ela não quer ser a garota do tempo na tevê. Nem casar e ter filhos. Ainda não. Talvez mais tarde, mas tem tantas outras coisas que ela precisa fazer na vida. Viajar. Aprender a dançar tango. Publicar um livro. Morar em outras cidades. Ser premiada com uma bolsa nacional de artes. Ver a aurora boreal. Pular de dentro de um bolo.

Ela fica olhando o teto e as paredes do seu apartamento do mesmo jeito que ela olhava o teto e as paredes dos apartamentos onde cresceu, inventando imagens para as rachaduras no gesso, inventando histórias para acompanhar essas imagens. À noite, sob um círculo de luz de uma luminária de metal vagabunda presa na mesa da cozinha, ela senta com papel e caneta e finge que não tem medo. Ela está tentando viver como uma escritora.

De onde ela tirou essas ideias de viver como uma escritora, ela não tem a menor ideia. Ela ainda não leu Virginia Woolf. Ela não conhece Rosario Castellanos nem Sor Juana Inés de la Cruz. Glória Anzaldúa e Cherríe Moraga estão trilhando seu próprio caminho no mundo em algum lugar, mas ela não as conhece. Ela não sabe de nada. Ela inventa conforme vai indo.

Quando a foto da jovem mulher que era eu foi tirada, eu ainda me chamava de poeta, embora escrevesse histórias desde a escola. Eu

gravitara de volta à ficção enquanto estava na oficina de poesia de Iowa. Poesia, ensinava-se em Iowa, era um castelo de cartas, uma torre de ideias, mas eu não consigo comunicar uma ideia, exceto por meio de uma história.

A mulher que eu sou na foto estava trabalhando numa série de esboços, pouco a pouco, junto com sua poesia. Eu já tinha um título — *A casa na Rua Mango*. Cinquenta páginas haviam sido escritas, mas eu ainda não pensava naquilo como uma novela. Era apenas um amontoado de coisas, como fronhas bordadas desencontradas e guardanapos com iniciais que eu puxava das latas na Legião da Boa Vontade. Eu escrevia aquelas coisas e pensava nelas como “historinhas”, embora eu sentisse que elas se conectavam. Eu ainda não tinha ouvido falar de contos que se ligavam. Eu não tinha lido *Canek*, de Ermilo Abreu Gómez, *Lilus Kikus*, de Elena Poniatowska, *Maud Martha*, de Gwendolyn Brooks, *My mother’s hands*, de Nellie Campobello. Isso viria depois, quando eu tivesse mais tempo e solidão para ler.

A mulher que um dia eu fui escreve as primeiras três histórias d’*A casa* em um fim de semana em Iowa. Mas como eu não estava na oficina de ficção, elas não contariam para a minha dissertação de mestrado. Eu não discuti; o meu orientador me lembrava muito o meu pai. Eu trabalhei nessas pequenas histórias paralelamente por prazer enquanto não estava escrevendo poesia por créditos. Eu as compartilhava com colegas como a poeta Joy Harjo, que também estava tendo dificuldades na sua oficina de poesia, e com o escritor de ficção Dennis Mathis, um nativo de cidade pequena de Illinois, mas cuja biblioteca de brochuras era mundial.

Pequeníssimas histórias estavam na moda literária na época, nos anos 70. Dennis me contou sobre o japonês ganhador do prêmio Nobel, Kawabata, e suas mínimas histórias na “palma da mão”. A gente fazia omelete para o jantar e lia García Márquez e Heinrich Böll em voz alta. Nós dois preferíamos autores experimentais — todos homens naquela época, exceto por Grace Paley —, rebeldes como nós. Dennis se tornaria um grande editor, aliado e a voz ao telefone quando um de nós perdesse a esperança.

A jovem mulher da foto está dando forma ao seu livro-em-

progresso depois de *O fazedor*, de Jorge Luis Borges — um escritor que ela lia desde a escola, fragmentos de histórias que soam como Hans Christian Andersen ou Ovídio ou verbetes de enciclopédias. Ela quer escrever histórias que ignorem as fronteiras entre os gêneros, entre o escrito e o falado, entre literatura erudita e rimas de criança, entre Nova Iorque e o vilarejo imaginário de Macondo, entre os Estados Unidos e o México. É verdade, ela quer que os escritores que ela admira respeitem o trabalho dela, mas também quer que as pessoas que normalmente não leem livros gostem dessas histórias. Ela *não* quer escrever um livro que um leitor não vai entender e se sentir envergonhado por não entender.

Ela acha que histórias dizem respeito à beleza. Beleza que está lá para ser admirada por qualquer pessoa, como um rebanho de nuvens pastando sobre nossas cabeças. Ela pensa que as pessoas que estão ocupadas tentando ganhar a vida merecem belas pequenas histórias, porque elas não têm muito tempo e estão quase sempre cansadas. Ela tem em mente um livro que pode ser aberto em qualquer página e ainda assim vai fazer sentido para o leitor que não sabe o que veio antes ou o que vem depois.

Ela experimenta criar um texto que seja sucinto e flexível como poesia, quebrando sentenças em fragmentos para que o leitor pause, fazendo cada sentença servir a *ela* e não o contrário, abandonando aspas para otimizar a tipografia e fazer a página ser tão simples e legível quanto possível. Para que as frases sejam maleáveis como galhos e possam ser lidas de mais de um modo.

Às vezes, a mulher que um dia eu fui sai nos fins de semana para encontrar outros escritores. Às vezes eu convido esses amigos para vir ao meu apartamento e trabalhar nos textos uns dos outros. Nós viemos de comunidades negras, brancas, latinas. Nós somos homens e nós somos mulheres. O que temos em comum é nossa ideia de que a arte deveria servir às nossas comunidades. Juntos publicamos uma antologia — *Emergency tacos* —, porque nós terminamos as nossas colaborações um pouco antes do amanhecer e nos juntamos na mesma *taquería* vinte e quatro horas na Avenida Belmont, como numa versão multicultural do quadro *Nighthawks*, do Hopper. Os escritores do *Emergency tacos* organizam mensalmente eventos de arte no

*image
not
available*

normais quanto a chuva.

Do que a mulher da fotografia tem medo? Ela tem medo de andar no escuro desde onde seu carro está estacionado até seu apartamento. Ela tem medo do som de paredes sendo arranhadas. Ela tem medo de se apaixonar e ficar presa morando em Chicago. Ela tem medo de fantasmas, águas profundas, roedores, da noite, coisas que se mexem rápido demais — carros, aviões, a vida dela. Ela tem medo de ter que voltar a morar na casa dos pais de novo se não for corajosa o bastante para morar sozinha.

Ao longo de tudo isso, eu estou escrevendo histórias para aquele título, *A casa na Rua Mango*. Às vezes eu escrevo sobre pessoas que eu lembro, às vezes eu escrevo sobre pessoas que eu acabei de conhecer, frequentemente eu misturo as duas. Meus alunos de Pilsen que sentam diante de mim quando eu estou dando aula, com meninas que sentavam ao meu lado em outra sala de aula uma década antes. Eu pego partes de Bucktown, como o jardim do macaco ao lado do meu prédio, e jogo na quadra da Humboldt Park onde eu morei durante a segunda metade do ensino fundamental e o ensino médio — número 1525 na Rua Campbell.

Com frequência, tudo o que eu tenho é um título sem história alguma — *A família de pés pequenos* —, e tenho que fazer o título me chutar por trás para me fazer andar. Ou, às vezes, tudo o que eu tenho é uma primeira frase — “É impossível ter céu demais”. Uma das minhas alunas de Pilsen falou que eu tinha dito isso, e ela nunca esqueceu. Que bom que ela lembrou e citou de volta para mim. “Elas vieram com o vento que soprou em agosto”. Essa frase me veio num sonho. Às vezes as melhores ideias vêm nos sonhos. Às vezes as piores ideias vêm daí também!

Se a ideia veio de uma frase que eu ouvi zunindo por aí em algum lugar e guardei num pote ou de um título que eu peguei e guardei no bolso, as histórias sempre insistem em me contar onde elas querem terminar. Elas quase sempre me surpreendem parando quando eu tinha toda a intenção de galopar um pouco mais longe. Elas são teimosas. Elas que sabem quando não há mais o que dizer. A última

*image
not
available*

Eu estou especialmente orgulhosa da escada em espiral. Eu sempre sonhei com ter uma, bem como nas casas no México. Até a palavra para elas em espanhol é maravilhosa — *un caracol*. Nossos passos ressoam a cada degrau metálico, os cachorros nos seguindo tão de perto que temos que repreendê-los.

“Seu escritório é maior do que nas fotos que você mandou”, você diz maravilhada. Eu imagino que você está comparando com o da Isabel Allende.

“Onde você comprou as cortinas da biblioteca? Eu aposto que custaram uma fortuna. Uma pena que seus irmãos não puderam estofar as cadeiras para você e te economizar algum dinheiro. Caramba, esse lugar é bacaaaaana!”, você diz, sua voz subindo de tom como uma das gralhas do rio.

Eu jogo tapetes de ioga na cobertura e nós sentamos de pernas cruzadas para assistir ao sol se pondo. Nós bebemos o seu favorito, vinho frisante italiano, para comemorar a sua chegada, para comemorar o meu escritório.

O céu absorve a noite rápido-rápido, dissolvendo-a na cor de uma ameixa. Eu deito de barriga para cima e fico olhando as nuvens passando depressa para chegar em casa. Estrelas aparecem timidamente uma por uma. Você se deita ao meu lado e dobra uma perna sobre a minha como quando dormimos juntas na sua casa. Nós sempre dormimos juntas quando eu estou lá. Primeiro, porque não tinha outra cama. Mas depois, após o Pai morrer, só porque você me quer por perto. É a única hora em que você se permite ser carinhosa.

“E se convidarmos todo mundo pro Natal aqui ano que vem?”, eu pergunto. “O que você acha?”.

“Vamos ver”, você diz, perdida em seus próprios pensamentos.

A lua trepa no pé de mesquite no pátio da frente, pula no parapeito do terraço e nos surpreende. É uma lua cheia, uma nimbus enorme como as gravuras de Yoshitoshi. Daqui para a frente, eu não poderei mais ver uma lua cheia novamente sem pensar em você, neste momento. Mas, agora, eu não sei disso.

Você fecha os olhos. Parece que está dormindo. A viagem de avião

*image
not
available*

Mas a casa na Rua Mango não é do jeito que eles disseram, não mesmo. Ela é pequena e vermelha com degraus apertados na frente e janelas tão pequenas que você poderia pensar que elas estão segurando a respiração. Os tijolos se esfrelam em alguns lugares, e a porta da frente está tão inchada que você tem que empurrar com força para entrar. Não tem pátio na frente, só quatro pequenos olmos que a prefeitura plantou perto da sarjeta. Atrás tem uma garagem para o carro que não possuímos ainda e um pequeno pátio que parece bem menor entre os dois prédios de cada lado. Tem escadas na nossa casa, mas são escadas comuns, e a casa tem só um banheiro. Todo mundo tem que dividir quartos — a Mãe e o Pai, o Carlos e o Kiki, e a Nenny e eu.

Quando morávamos na Loomis, uma freira da escola passou e me viu brincando lá na frente. A lavanderia no andar de baixo tinha sido coberta com tapumes porque havia sido roubada dois dias antes e o dono tinha pintado na madeira SIM ESTAMOS ABERTOS para não perderem clientes.

Onde você mora?, ela perguntou.

Ali, eu disse apontando para o terceiro andar.

Você mora *ali*?

Ali. Eu tive que olhar para onde ela apontava — o terceiro andar, a pintura descascando, tábuas de madeira que o Pai tinha pregado nas janelas para que nós não caíssemos. Você mora *ali*? O jeito como ela disse fez eu me sentir como se eu fosse nada. *Ali.* Eu morava *ali*. Acenei com a cabeça.

Foi então que eu soube que eu tinha que ter uma casa. Uma casa de verdade. Uma para a qual eu pudesse apontar. Mas não é essa. A casa na Rua Mango não é isso. Por enquanto, a Mãe diz. Temporário, o Pai diz. Mas eu sei como são essas coisas.

*image
not
available*

*image
not
available*

CATHY, RAINHA DOS GATOS

Ela fala: eu sou prima de terceiro grau da rainha da França. Ela mora no andar de cima, bem ali, vizinha do Joe, o papa anjo. Fique longe dele, diz ela. Ele é perigoso. Benny e Blanca são os donos da lojinha da esquina. Eles são legais, exceto quando você se escora no balcão de doces. Duas meninas esfarrapadas moram do outro lado da rua. Você não quer conhecê-las. Edna é a senhora que é dona do prédio ao lado. Ela era dona de um prédio tão grande quanto uma baleia, mas o irmão dela vendeu. A mãe deles disse não, não, nunca vendam. Eu não vou. E então ela fechou os olhos e ele vendeu o prédio. Alicia ficou arrogante desde que foi para a faculdade. Ela gostava de mim, mas agora ela não gosta mais.

Cathy, que é a rainha dos gatos, tem gatos e mais gatos e mais gatos. Gatos filhotes, gatos grandes, gatos magros, gatos doentes. Gatos que dormem como rosquinhas. Gatos em cima da geladeira. Gatos dando uma volta em cima da mesa de jantar. A casa dela é um paraíso de gatos.

Você quer uma amiga, ela fala. Tá bem, eu vou ser sua amiga. Mas só até terça que vem. Que é quando a gente se muda. Precisamos. Depois, como se esquecesse que eu acabo de me mudar para lá, ela diz que a vizinhança está ficando ruim.

O pai da Cathy vai ter que ir para a França um dia e encontrar a prima distante de terceiro grau do lado paterno e herdar a casa da família. Como eu sei disso? Ela me contou. Por enquanto, eles só vão ter que se mudar para um lugar um pouco mais ao norte da Rua Mango, ir um pouco mais longe conforme gente como nós vem chegando.

*image
not
available*

A LOJA DE SALVADOS DO GIL

Tem uma loja de móveis usados. E um velho que é dono. Nós compramos uma geladeira velha dele uma vez e o Carlos vendeu uma caixa de revistas por um dólar. A loja é pequena e tem só uma janela suja para a luz entrar. Ele não liga as luzes a menos que você tenha dinheiro para comprar algo, então, no escuro, a gente vê todo tipo de coisas, eu e a Nenny. Mesas com os pés de ponta-cabeça e filas e filas de geladeiras com os cantos arredondados e sofás que lançam poeira no ar quando você bate neles e uma centena de tevês que provavelmente não funcionam. Todas as coisas estão empilhadas em cima de todas as coisas, então a loja inteira tem corredores estreitos para passar. Você pode se perder fácil.

O dono, ele é um homem negro que não fala muito e às vezes, se você não sabe disso, você pode ficar lá por muito tempo antes de notar uns óculos dourados flutuando no escuro. A Nenny, que acha que é esperta e pode falar com qualquer velho, faz muitas perguntas. Eu, eu nunca disse nada para ele, exceto na vez que comprei a Estátua da Liberdade por dez centavos.

Mas a Nenny, eu a ouvi perguntando uma vez como é isso aqui e o homem disse: Isso, isso é uma caixa de música, e eu virei rápido pensando que ele tinha dito *caixinha* de música, com flores pintadas, com uma bailarina dentro. Só que não tem nada disso onde esse velho está apontando, só uma caixa de madeira que é velha e tem um grande disco de latão nela, com furos. Então ele a liga e todo tipo de coisa começa a acontecer. É como se de repente ele deixasse um milhão de mariposas saírem por sobre o pó da mobília e por sobre sombras de cisnes e em nossos ossos. São como gotas d'água. Ou como marimbas, só que com um sonzinho engraçado de coisas sendo arrancadas como se você esfregasse os dedos nos dentes de um pente de metal.

E então eu não sei por quê, mas eu tive que me virar e fingir que eu não me importava com a caixa para que a Nenny não visse o quão burra eu sou. Mas a Nenny, que é mais burra, já está perguntando quanto custa e posso ver os dedos dela indo buscar os vinte e cinco centavos no bolso das calças.

Isso, o velho diz fechando a tampa, isso não está à venda.

*image
not
available*

MARIN

O namorado da Marin está em Porto Rico. Ela nos mostra as cartas dele e nos faz prometer que não vamos contar a ninguém que eles vão se casar quando ela voltar para P.R. Ela fala que ele não conseguiu um emprego ainda, mas ela está guardando o dinheiro que ganha vendendo Avon e tomando conta das primas.

Marin disse que, se ficar aqui no ano que vem, ela vai conseguir um emprego de verdade no centro, porque é lá que os melhores empregos estão, já que você sempre anda bonita, usa roupas legais e pode conhecer alguém no metrô que pode se casar com você e te levar para morar numa casa grande longe daqui.

Mas, no ano que vem, os pais do Louie vão mandá-la de volta para a mãe com uma carta avisando que ela causa problemas demais e isso é uma pena, porque eu gosto da Marin. Ela é mais velha e sabe um monte de coisas. Ela é a única que nos contou como a irmã do Davey, o Nenê, ficou grávida e qual creme é melhor para tirar o buço e que se você contar as manchas brancas das unhas você vai saber quantos meninos estão pensando em você e um monte de outras coisas que eu não lembro agora.

Nós nunca vemos a Marin até que sua tia volte para casa do trabalho e mesmo assim ela só pode ficar ali na frente. Ela fica lá a noite toda com o rádio. Quando a luz do quarto da tia dela apaga, a Marin acende um cigarro e não importa se está frio na rua ou se o rádio não funciona ou se nós não temos nada para dizer uma para a outra. O que importa, diz a Marin, é que os rapazes nos vejam e que nós os vejamos. E já que a saia da Marin é mais curta e os olhos dela são bonitos e já que a Marin é mais velha do que nós de muitos jeitos, os rapazes que passam por ali dizem coisas idiotas como Estou apaixonado por essas duas maçãs verdes que você chama de olhos, dá eles pra mim, sim? E a Marin só olha para eles sem nem piscar e não tem medo.

Marin, sob a luz do poste, dançando sozinha, ela está cantando aquela mesma música em algum lugar. Eu sei. Está esperando um carro parar, uma estrela cair, alguém mudar a vida dela.

*image
not
available*

DARIUS & AS NUVENS

É impossível ter céu demais. Você pode cair no sono e acordar bêbado de céu e o céu pode te salvar quando você estiver triste. Aqui tem muita tristeza e não tem céu o suficiente. As borboletas também são poucas e as flores também e a maioria das coisas bonitas. Mesmo assim, a gente pega o que dá e faz disso o melhor.

Darius, que não gosta de ir para a escola, que é às vezes burro e geralmente besta, disse uma coisa sensata hoje, embora na maioria dos dias ele não diga nada. Darius, que persegue meninas com bombinhas ou com um graveto que tocou num rato e acha que é machão, hoje apontou para cima porque o mundo estava cheio de nuvens, daquelas do tipo travesseiros.

Vocês estão vendo aquela nuvem, aquela gorda lá?, Darius disse, Tão vendo? Onde? Aquela do lado da outra que parece pipoca. Aquela lá. Tão vendo? É Deus, Darius disse. Deus?, alguém pequeno perguntou. Deus, ele disse, e fez disso uma coisa simples.